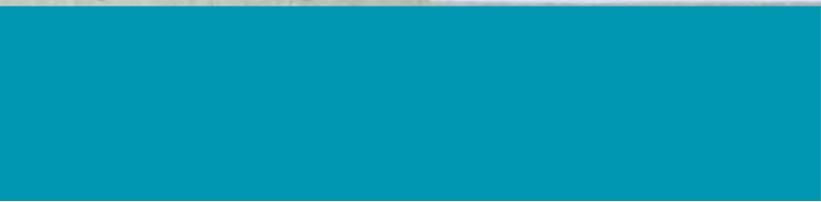


# O ACERVO ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO DA BARCA

---



# O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

APRESENTAÇÃO

1.OS VESTÍGIOS MATERIAIS ASSOCIADOS

ANEXO 1 - INVENTÁRIO DE ACERVO MATERIAL DO SÍTIO DA  
BARCA

## APRESENTAÇÃO

Este material foi desenvolvido no âmbito do “Plano de Gestão do Patrimônio Cultural do Sistema Viário da Margem Direita do Porto de Santos, SP”. Para informações sobre as pesquisas realizadas, vide selo PESQUISAS neste *Player*.

O texto reflete a pesquisa realizada entre os anos de 2008 e 2014.

## 1. OS VESTÍGIOS MATERIAIS ASSOCIADOS

Os vestígios arqueológicos recuperados do Sítio da Barca procedem dos trabalhos de salvamento arqueológico decorrentes das obras de implantação da Avenida Perimetral voltada para a modernização do sistema viário do Porto de Santos. A área do sítio arqueológico, assim como grande parte do Complexo Portuário, caracteriza-se por um espaço intensamente antropizado, onde constantes processos de uso e ocupação do solo promoveram uma acentuada transformação do espaço urbano e da paisagem cultural. Tais transformações, baseadas em contínuas construções e reconstruções do espaço, geralmente implicam em densas camadas de aterro ou grandes remoções de solo formando, em algumas áreas, espessos “pacotes” de entulho que podem conter os mais diversos testemunhos materiais, inclusive de distintos períodos históricos e mesmo pré-históricos.

Sendo assim, os testemunhos materiais relacionados às diferentes ocupações ocorridas neste cenário foram diversas vezes deslocados de sua posição original podendo, eventualmente, percorrer quilômetros dentro da malha urbana (e mesmo fora dela) até serem depositados em contextos diversos de sua originalidade. Mesmo assim, podem apresentar potencial informativo sobre as formas de apropriação e adequação do espaço regional por determinada comunidade, em determinado contexto histórico.

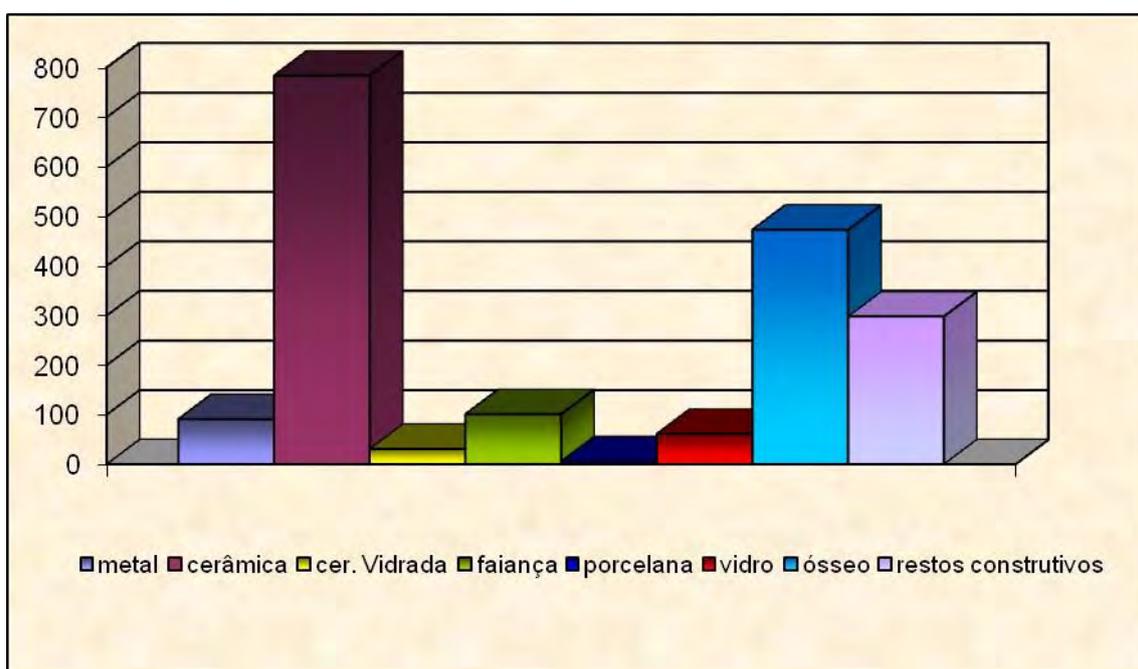
Por outro lado, áreas que no passado se configuravam como espaços livres, tais como quintais, praças, pátios, etc., representavam espaços de convívio social e, conseqüentemente, das manifestações culturais de determinada comunidade, as quais, mesmo sendo descaracterizadas pelos processos de transformação urbana, podem apresentar vestígios arqueológicos relacionados a estes períodos.

Neste sentido, as pesquisas empreendidas no Sítio da Barca permitiram recuperar vestígios que, por longo tempo, ficaram depositados no subsolo por ocasião de construções, reformas, demolições ou aterros e que, quando postos à luz pela Arqueologia e em comparação com o material oriundo de outros sítios do município de Santos, ainda fornecem informações significativas a respeito da cultura material produzida e/ou utilizada por alguns segmentos sociais que ocuparam esta região no passado.

Em associação a restos construtivos e entulho, os trabalhos de campo permitiram a recuperação de uma expressiva quantidade de fragmentos de cerâmica, faiança, metal, vidro, etc., que embora estejam dissociados de seu contexto arqueológico original (conforme discussão que será aprofundada no próximo Capítulo), fornecem informações sobre a sua própria materialidade (matéria-prima e seu processamento, tecnologia, morfologia, tipologia decorativa, funções, etc) e sobre as formas de organização da sociedade que os produziu e utilizou, revestindo-o também de significativo potencial didático e educacional.

Dessa forma, primeiramente os estudos foram direcionados para a realização de análises qualitativas e quantitativas dos vestígios arqueológicos, identificação de formas, padrões decorativos, marcas e processos de produção, procurando obter uma ampla visão sobre a cultura material produzida e/ou utilizada pelos segmentos sociais que ocuparam a região do empreendimento. Seqüencialmente, este estudo dá ênfase à funcionalidade dos artefatos, organizando-os em subconjuntos e inserindo-os em diversos contextos culturais (doméstico, construtivo, produtivo, simbólico, etc.) de modo a obter mais informações sobre os atributos dos utensílios e propiciar uma reconstituição por amostragem da “tralha” que outrora tomou parte na vida local.

Embora tenham sido recuperados vestígios das mais diversas categorias (faiança, cerâmica, metal, vidro, porcelana, ossos, conchas, restos construtivos, lítico, etc.), totalizando 1.674 peças, a maior parte do material refere-se a fragmentos de cerâmica e restos ósseos, havendo uma predominância da primeira categoria de material, conforme gráfico a seguir.



Tal comportamento é recorrente em pesquisas efetuadas em sítios históricos, indicando um maior consumo/utilização de recipientes cerâmicos, os quais apresentavam um menor preço e uma maior oferta de produtos no mercado, obviamente por estarem associados a produções de caráter regional.

Isto posto, no conjunto do acervo estudado foram identificadas e analisadas as seguintes categorias de vestígios arqueológicos, totalizando as 2.107 peças:

- o 806 fragmentos de cerâmica
- o 64 fragmentos de cerâmica vidrada
- o 148 fragmentos de faiança
- o 16 fragmentos de porcelana
- o 12 fragmentos de vidro
- o 15 fragmentos de metal
- o 558 fragmentos de ossos
- o 55 fragmentos de entulho / fragmentos construtivos/outros

O inventário completo deste acervo é apresentado no **Anexo 1**, que fornece informações sobre a proveniência das peças, tipo e quantidades.

O texto que se segue traz uma síntese das análises de laboratório realizadas para cada uma destas categorias de material.

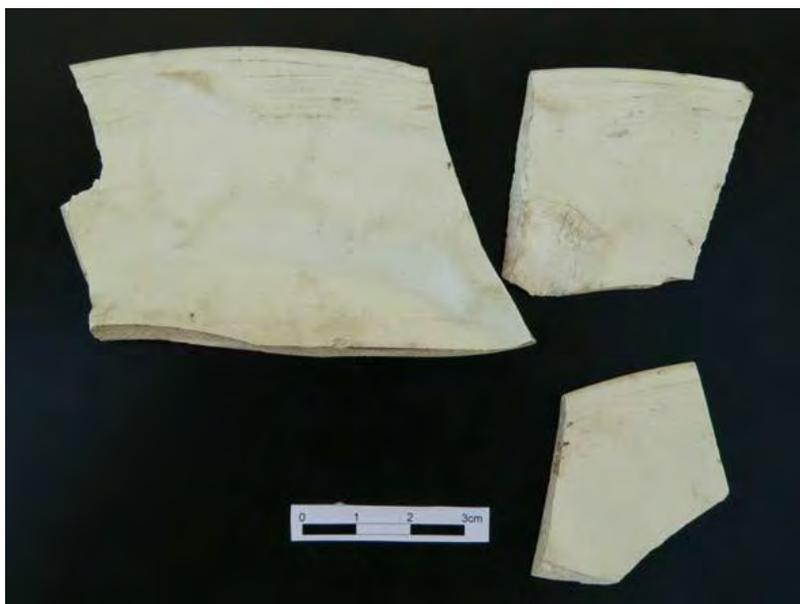
- **FAIANÇA FINA**

Os utensílios domésticos em faiança fina foram amplamente importados da Inglaterra a partir do início do século XIX, tornando-se a categoria de louça mais popular do Brasil. Basicamente, a faiança fina resulta da tentativa dos ceramistas ingleses em produzir a porcelana e a faiança. No processo, descobriram esta categoria de louça intermediária, que oferecia uma série de vantagens em relação à porcelana, dentre as quais a simplificação no processo produtivo e a utilização de novas pastas que conferiam ao produto uma massa mais clara, mais uniforme e mais resistente. Possibilitava ainda que a decoração pintada ou estampada pudesse ser aplicada diretamente e a um menor custo, ampliando assim o leque de consumidores. Segundo Lima et. al. (1989:216) a faiança fina branca *“começou a ser fabricada no século XVIII; numa*

*tentativa bem-sucedida de se obter uma pasta mais resistente e clara, que dispensasse a aplicação de engobo”.*

Do conjunto dos vestígios em faiança fina recuperados do Sítio da Barca, a maioria é constituída por fragmentos de tonalidade branca simples que, por não apresentarem marcas ou qualquer outro tipo de referência, não puderam ser identificados. Além disso, os fragmentos de tonalidade branca simples podem pertencer a partes não decoradas de peças bicromadas ou policromadas.

Por outro lado, como o valor das faianças finas variava em função da técnica decorativa utilizada, os utensílios sem decoração constituíam os mais baratos do mercado (SYMANSKI 1998:168). Todavia, dentre os fragmentos sem decoração, alguns apresentam a superfície modificada por pressão de molde (moldagem impressa), predominando o padrão trigal, produzido na Inglaterra a partir do século XIX e adotado pela indústria nacional a partir do início do século XX até os dias atuais.



*Coleta PT 279 N11 -  
fragmento de faiança  
com a superfície  
modificada.*

Tal padrão, caracterizado pela presença de ramos de trigo moldados em relevo, também conhecido como “Ceres”, começou a ser produzido na Inglaterra por Edward Walley’s, perdurando até os dias atuais (SYMANSKI, 1998, p. 183 *apud* SUSSMAN, 1895, p. 12-13). No acervo exumado do Sítio da Barca foram recuperados apenas 02 fragmentos relacionados a este padrão.

Além dos fragmentos de faiança simples, foram recuperados fragmentos decorados, na maioria associados à faiança portuguesa, cuja identificação do padrão e técnica decorativa foi realizada com base nos critérios classificatórios adotados por ALBUQUERQUE (1991), CUSHION (1987), BRANCANTE (1981); ZANETTINI (1986), LIMA ET. AL. (1989), ARAÚJO ET. AL. (1993), SYMANSKI (1998), TOCHETTO ET AL (2001), JULIANI ET AL (2003) E QUEIROZ (2006).

Dentre os fragmentos decorados observa-se a ocorrência do padrão *transfer printing*, baseado na impressão por transferência e desenvolvido na Inglaterra por volta de 1783 e utilizado até o início do século XX. Esse padrão é apontado na bibliografia como sendo uma das louças mais caras durante o século XIX.

Entre os fragmentos decorados pela técnica de *transfer printing* é incluído o popular padrão “dos pombinhos”, ou o conhecido *Willow Pattern*, inserido no estilo *Chinoiserie*, baseado na adoção de motivos chineses pela indústria europeia entre 1800 e 1815. Foi produzido na Inglaterra por cerca de 54 manufaturas cerâmicas, principalmente na cor azul até o final do século XIX, tendo sido inclusive adotado por indústrias brasileiras na primeira metade do século XX. Utensílios com esse padrão, sobretudo aparelhos de jantar, foram amplamente exportados para o Brasil, sendo comum encontrar fragmentos dessa categoria em sítios históricos.



*Faiança PT 55 limpeza de perfil*

Ainda em relação aos fragmentos que apresentaram a superfície modificada, insere-se o padrão *Shell-Edged*, constituindo um dos tipos mais comuns utilizados na decoração de peças rasas, geralmente pratos. O fato de existirem vários estilos de decoração nesse padrão pode estar relacionado a diferentes períodos de produção ou a diversos fabricantes.

A presença deste tipo de louça é bastante comum em sítios históricos do século XIX no Brasil, tendo sido uma das variedades mais baratas entre as louças decoradas, o que justifica seu amplo consumo (Lima 1989; Fossari 1992, Araújo e Carvalho 1993; Albuquerque e Veloso 1993, Bernal 1994; Symanski 1998, Juliani e Caldarelli 2003, Queiroz 2006).

Este padrão foi adotado a partir da década de 1780, sendo produzido até cerca de 1850, quando em função dos baixos preços a produção é interrompida. Embora existam variedades nas cores verde, castanho, rosa e púrpura, predomina a decoração em azul, como ocorre na amostra do Sítio da Barca, onde o padrão *Shell-Edged* é predominante em relação aos demais fragmentos de faiança fina decorados.



Faiança PT 440 N20

Além disso, no conjunto do material em faiança apenas dois dos fragmentos recuperados apresenta marca de produção com potencial informativo sobre o local de procedência do utensílio e o seu período de produção. Neste caso, as marcas são representadas pelo brasão da *Royal Arms*, amplamente utilizado nas faianças produzidas por indústrias inglesas a partir do início do século XIX.



Faiança PT 20 N7

- FAIANÇA PORTUGUESA

Os produtos de faiança são feitos de argila de grande plasticidade, cozidos a baixa temperatura, porosos e resistentes, cobertos por esmalte opaco, que se destaca da base como se fosse uma fina camada de acabamento, o que torna fácil a sua identificação. Segundo ALBUQUERQUE (1991), a faiança pode ser considerada como uma cerâmica vitrificada, sendo confeccionada a partir da combinação de seis partes de argila e quatro partes de cálcio (caulim). Na primeira fase de vitrificação recebe um banho de sal marinho e areia. Em seguida é aplicada a pintura decorativa em associação a um banho de óxido de estanho ou chumbo, com o consequente retorno ao forno para um novo cozimento.

Fabricada e comercializada por vários países, começou a ser produzida e exportada por Portugal para o Brasil desde a segunda metade do século XVI até início do XIX, sendo inicialmente denominada de *louça de Talavera*. No decorrer do século XVII havia em Portugal dois centros principais de produção – Lisboa e Coimbra, os quais eram responsáveis pelo abastecimento da Metrópole e de suas colônias (BRANCANTE, 1981: 116). No decorrer do século XVIII amplia-se consideravelmente o número de estabelecimentos dedicados à produção da faiança em Portugal, havendo destaque para Porto, Gaia, Lisboa, Coimbra, Caldas da Rainha, Viana do Castelo, Aveiro, Alcobaça, Extremóz, entre outros, onde diversas fábricas podem ser apontadas<sup>1</sup>.

De acordo com sua origem recebeu diversos nomes e foi produzida no Brasil desde o século XVIII, onde era conhecida como meia faiança e apresentava esmalte de menor qualidade que as importadas. Entretanto, ao final do século XVIII com a ampliação da produção de faiança fina na Europa, a faiança portuguesa perde seu mercado, pois o novo produto torna-se a louça comum utilitária de maior acessibilidade, inclusive no Brasil, principalmente a partir da Abertura dos Portos em 1808.

Utilizando o material recuperado durante pesquisas arqueológicas em Vila Flor, ALBUQUERQUE (1991) criou uma periodização para a faiança portuguesa encontrada em sítios arqueológicos brasileiros. Neste trabalho o autor, levando em consideração o mercado consumidor ao qual se destinava, divide a faiança portuguesa em dois grupos:

---

<sup>1</sup> Com base na obra de Brancante, *O Brasil e a Cerâmica Antiga* (1981, p. 107 – 118).

Fábrica	Região	Período	Observação
Massarellos	Porto	1738 a 1920	Também produziu faiança fina (pó de pedra)
Miragaia	Porto	1775	Apresentava peças em relevo e com policromia variada (azul, verde, roxo, amarelo e alaranjado). Nos primeiros tempos a ornamentação era baseada em festões e guirlandas
Afurada	Gaia	1789	Especializou-se em fabricar peças em biscuit e faiança pintada
Cavaco	Gaia	1778	Apresentava uma grande produção de estatuetas de ornamentação.
Bandeira	Gaia	1835	Especializou-se em fabricar peças estampadas
Devezas	Gaia	1865	Exportou muito para o Brasil, principalmente peças de adorno para construção (pinhas, estátuas, etc.)
Sto. Antonio do Porto	Gaia	Século XIX	Destacou-se na produção de peças utilizadas na ornamentação de casas e jardins, como por exemplo, as estátuas representando as quatro estações.
Rato	Lisboa	1767 - 1834	Conhecida como a Real Fábrica do Rato, representando o mais importante centro produtor de Portugal. Produziu peças de excelente qualidade, principalmente na perfeição do esmalte e na pintura decorativa.
Bica do Sapato	Lisboa	1796	Produziu todo o tipo de louça sob galsura levemente azulada usando o azul, o verde, o amarelo, o vinho e o laranja.
Constância	Lisboa	1836	Produzia louça pó de pedra e também louças com a pasta preta.
Sacavém	Lisboa	1850	Destaca-se na produção dos azulejos esmaltados.
Raphael Bordallo Pinheiro	Caldas da Rainha	1884	Criou novas formas e estilos, introduzindo a caricatura na louça com tipos populares e políticos.
Darque ou Viana	Viana do Castelo	1774 - 1855	Tem como característica básica a utilização de uma linha (corda) circundando as abas ou caldeiras das peças.
Juncal	Alcobaça	1770 - 1876	Nas peças predominavam as cores vinho e azul

- faiança de uso interno, produzida para venda no mercado interno, sendo utilizada amplamente em Portugal ou em suas colônias. Apresenta conjunto de peças pouco numerosas, com decorações simples e geralmente podem ser encontradas em sítios arqueológicos brasileiros.

- faiança tipo exportação, produção que visava o mercado europeu e colonial que até então se abastecia de porcelana chinesa, portanto, com maior poder aquisitivo. Os utensílios recebiam um melhor acabamento e apresentavam um maior repertório de formas.

Sobre os vestígios de faiança portuguesa provenientes do Sítio da Barca foram recuperados, em geral, fragmentos de pequena dimensão e já bastante comprometidos, tenho em vista que em vários casos o esmalte estanífero apresenta pouca espessura e reduzida aderência, provocando hiatos decorativos no fragmento e, conseqüentemente, perda significativa de informação, inviabilizando análises mais aprofundadas.



*Fragmento de faiança portuguesa com esmalte e decoração comprometida.*

Assim, no universo do material associado à faiança portuguesa, apenas dois fragmentos apresentaram motivos decorativos que permitiram situar o vestígio a determinado período de produção<sup>2</sup>, como segue:

Peça 01:

Fragmento com motivo decorativo caracterizado pela presença de duas linhas paralelas, que delimitam uma linha ondulada entre pontos. É executado nas cores azul e vinho. Tal padrão decorativo é de inspiração barroca e está relacionado ao quinto período, ou seja, faiança com

motivos basicamente portugueses e europeus, fazendo grande uso de policromia. Define-se a partir do terceiro quartel do século XVIII até o início do século XIX, muitas vezes caracterizado por linhas paralelas de diferentes espessuras, nas cores azul ou vinho que delimitam as abas dos pratos.



*Faiança PT 60 N19*

Peça 02:

Fragmento com motivo decorativo caracterizado por uma seqüência de semi- círculos concêntricos delimitados por linhas paralelas na cor azul. Tal motivo decorativo indica que o fragmento está associado ao primeiro período, ou seja, segunda metade do século XVI até o primeiro quartel do século XVII, cujos utensílios apresentam decoração essencialmente inspirada em temas chineses, basicamente em tonalidade azul sobre esmalte branco.



*Faiança PT 63 N25*

<sup>2</sup> A periodização dos fragmentos foi realizada com base no trabalho de ALBUQUERQUE, *A Faiança portuguesa dos séculos XVI a XIX em Vila Flor*, RN, (1991), onde o autor estabelece cinco períodos para a produção da faiança portuguesa do tipo exportação.

Além destes vestígios, alguns fragmentos apresentaram a superfície interna e/ou externa decoradas com faixas azuis, motivos comumente utilizados em recipientes domésticos relacionados ao século XVIII.

Geralmente Portugal produzia este tipo de faiança para comercialização no mercado interno e para suas colônias, cujos utensílios eram destinados ao uso diário e apresentavam qualidade inferior e um menor custo em comparação com a faiança do tipo exportação.



*Base de faiança decorada PT 67  
N12 e faiança PT 59 N13*

## LOUÇA VIDRADA

Embora muitas vezes ocorra na literatura especializada associada ao material cerâmico, por questões metodológicas, optamos por descrever este material separadamente, sob a denominação de *louça vidrada* “... que é um tipo de cerâmica (terracota) revestida com vidrado amarelado, criada na busca de melhoria de qualidade e impermeabilidade para a cerâmica comum” (JULIANI, 2003, p. 120). Segundo Francisco Marques dos Santos *apud* BRANCANTE (1991: 440), “a louça vidrada fabricada no país entrava como hoje na casa abastada, através dos alguidares, boiões, panelas e em peças de variada utilidade”.

Embora tenha sido um tipo de louça muito comum em Portugal, desde o século XVI, possui pouca representatividade no sítio arqueológico da Barca, representando apenas 7,35 % do material cerâmico. Em geral boa parte dos utensílios de louça vidrada (*poterie vernissée*) era importada da Europa, sobretudo de Portugal, porém, segundo BRANCANTE (1991), ao menos no decorrer do século XIX este tipo de material era produzido em vários estados brasileiros. Assim, embora em pequena quantidade, os fragmentos de louça vidrada do sítio da Barca apresentam na superfície interna e/ou externa um vidrado amarelado, obviamente indicando uma preocupação em impermeabilizar os recipientes, em geral utilizados para acondicionar líquidos, tais como talhas, potes, bules, canecas, vasos e boiões.



*Cerâmica vidrada PT 59 N12*

## METAL

Assim como na maioria dos sítios históricos, a categoria de objetos metálicos é representada por uma pequena quantidade de vestígios. Especificamente no caso do Sítio da Barca, todo material recuperado corresponde a apenas 15 fragmentos, representados predominantemente por restos construtivos (pregos, arames e cravos) e ferrolhos associados à malha ferroviária (pinos e parafusos).



*Metal PT 238 N2*



*Metal PT 272 N5*



*Metal PT 4 N17*

No contexto das pesquisas arqueológicas realizadas no sítio da Barca, esta categoria de vestígios ocorreu desde o nível 2 até o nível 20 e associado a outras categorias de vestígios arqueológicos, incluso em densas camadas de entulho utilizadas para aterrar áreas destinadas à implantação da infra-estrutura necessária ao complexo portuário, como é o caso da malha viária e ferroviária e as diversas edificações ali existentes.

Ainda na categoria do material em metal foram recuperadas duas moedas, correlatas a década de 1970 e também associadas a outras categorias de vestígios arqueológicos, o que corrobora a perturbação do sítio, sobretudo em função da deposição de entulho e aterro do local.



*Moedas verso S1 N4*

## CERÂMICA

Dentre as várias categorias de vestígios provenientes do sítio da Barca, a cerâmica representa 48% de todo o acervo, constituindo o maior universo dos vestígios encontrados. Nesta categoria de material, além de restos construtivos (telhas, tijolos, lajotas), foram recuperados fragmentos de vasilhames, certamente relacionados ao cotidiano doméstico e ao processamento, preparo, consumo e armazenamento de víveres.

Dessa forma, partindo dos atributos técnicos, estilísticos e morfológicos dos fragmentos cerâmicos procurou-se efetuar análises sobre a funcionalidade da louça utilitária de barro existente no sítio arqueológico, buscando obter mais informações sobre os aspectos socioculturais dos ocupantes do local.

Outrossim, o universo da cerâmica aparece como um elemento diferencial devido à sua representatividade qualitativa e quantitativa. Por outro lado, aponta para uma produção regional, razão pela qual ao tratarmos dos vestígios cerâmicos exumados do Sítio Arqueológico da Barca, consideramos apropriada a utilização do termo “cerâmica de produção local/regional”<sup>3</sup>.

Sobre esta cerâmica de produção regional existem algumas informações de zonas produtoras de utensílios de barro no Estado de São Paulo, como por exemplo o Vale do Ribeira, o Litoral Norte de São Paulo, Vale do Paraíba paulista, entre outras. É importante ressaltar que, desde meados do século XVIII, principalmente as cidades de Ubatuba e São Sebastião, face às suas instalações portuárias, atuavam como zonas escoadoras da produção agrícola do Vale.

Em geral os vestígios cerâmicos recuperados de sítios arqueológicos históricos apresentam pouca variação tecnológica, com predomínio da técnica de acordelamento. Existem poucos exemplares moldados, modelados ou confeccionados com o uso do torno, situação análoga ao material cerâmico recuperado do Sítio da Barca, cujo acervo totaliza 806 fragmentos representados por bordas, bases e apêndices, tendo-se fragmentos simples, com engobo, decoração plástica (escovado e corrugado) e pintados.

---

<sup>3</sup> O termo “cerâmica de produção local/regional” foi utilizado por ZANETTINI (2006) em sua tese de Doutorado, *“Maloqueiros em seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista”*, 2006.

No conjunto do material cerâmico constata-se um predomínio do tipo simples sem decoração, seguido de fragmentos pintados. Uma significativa quantidade dos vestígios é representada por fragmentos com engobo, predominantemente em tom vermelho na face externa, característica associada a recipientes utilizados para armazenar água (SCHEUER, 1971, p. 81).



*Cerâmica com engobo  
vermelho em outro ângulo  
S16A N17*

*Conjunto de bordas S18B N21*



Em relação aos vestígios pintados predominam elementos em vermelho sobre fundo branco, geralmente na face interna, apresentando em geral motivos geométricos formando linhas curvas, onduladas, retilíneas ou em conjunto de pontos, havendo ainda alguns fragmentos com motivos florais estilizados.



*Bordas pintadas frente S18 C N17*



*Borda pintada outro ângulo S18 C N20*



*Borda pintada S18 C N20*



*Cerâmica pintada S16A N 12*



*Cerâmica pintada S16B N 12*

Além do material pintado, embora em quantidade reduzida, ocorrem fragmentos com decoração plástica do tipo escovado e corrugado, tipologias decorativas relativamente comuns em sítios arqueológicos inseridos em grupos associados à *Tradição Tupiguarani*. Todavia, este tipo de decoração também foi utilizado em recipientes confeccionados em centros regionais de produção cerâmica, sendo muitas vezes encontrado em sítios de natureza histórica.

*Borda corrugada S18 N20*



*Borda decoração escovada,  
sem proveniência*

Dentre os atributos da amostra, comumente a pasta dos fragmentos é composta de antiplástico mineral de granulometria média, porém não é possível determinar se os grãos minerais já faziam parte da composição da argila ou se eram inseridos intencionalmente pelo artesão.

Os recipientes foram produzidos por acordelamento, as bases apresentam-se planas e, dentre as bordas, observam-se algumas reforçadas externamente com lábios arredondados, em geral sem decoração. No conjunto dos vestígios cerâmicos, foram ainda identificados fragmentos de tampas e apêndices, tais como cabos e alças diversas.



*Alça cerâmica S16B N14*

Esse tipo de louça utilitária de barro, caracterizada pela presença dos atributos técnicos, morfológicos e decorativos existente no acervo recuperado poderia ser enquadrado na chamada Tradição Neobrasileira<sup>4</sup>, “...tributária da fusão de diversas culturas, marcada pela *“sobreposição de estilos, as técnicas decorativas e de manufatura indígenas, agregada de elementos europeus e africanos, como base plana, apêndices (alças, cabos, gargalos, etc)”*. (MORALES, 1993, p. 167).

<sup>4</sup> A chamada Tradição Neobrasileira foi definida na década de 60 por ocasião do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa).

Não obstante, embora a cerâmica do Sítio da Barca possua tais atributos, por questões meramente terminológicas optou-se pela adoção do termo “cerâmica de produção regional”, conforme já assinalado anteriormente. Por outro lado, os utensílios cerâmicos recuperados pelas escavações podem apresentar atributos tecnológicos, morfológicos, funcionais e estilísticos característicos da região, o que certamente implica estudos direcionados especificamente para a análise da cerâmica produzida regionalmente.

## VIDRO

No conjunto do material arqueológico do Sítio da Barca, os fragmentos de vidro constituem uma categoria de vestígios com média ocorrência, totalizando 12 amostras. No conjunto, quase que a totalidade dos fragmentos apresenta-se na tonalidade verde (claro e escuro) estando relacionados a garrafas de bebidas de produção industrial e associados a material de entulho. Em meio ao material de entulho foram ainda identificados fragmentos de vidro plano (restos de vidraças), também de produção industrial.

Dentre o material vítreo, um único fragmento está situado em período mais recuado no tempo, neste caso, representado por um fragmento de recipiente de medicamentos em tom verde claro, produzido por sopro em molde com gargalo marisado, provavelmente da segunda metade do século XIX.



*Inserir foto boca de frasco 3, PT 442.*

- OSSOS E MATERIAL MALACOLÓGICO

A coleção óssea coletada no sítio da Barca é constituída por 558 fragmentos, correspondendo à categoria de material com pior conservação de todas as obtidas. As peças se encontram no geral extremamente fragmentadas e erodidas, raramente permitindo identificação ou detalhamento da análise.

Na coleção existem ossos que remetem a uma fauna variada, incluindo ossos de mamíferos, além de aves e raras vértebras de peixe, certamente relacionados a restos alimentares. Alguns destes ossos, em especial os ossos longos de mamíferos do tipo bovino, apresentam cortes provocados por lâminas nas atividades de desmembramento e descarnamento do animal, evidenciando seu uso para consumo alimentar.

Como é recorrente em grande parte de sítios históricos do período correlato, foi constatada um predominância de fragmentos de ossos de bovino em geral com evidência de corte e descarte, constituindo amostragem da dieta alimentar dos segmentos sociais que ocuparam esta parte do município de Santos no passado, mesmo porque a bibliografia específica aponta o alto consumo de carne bovina e suína pela comunidade durante o limiar do século XIX.



*Coleção de ossos S1*



*Coleção de ossos S16 B N16*



*Dente S18 B1 N15*



*Ossos S16B N10 (obs: o fragmento da direita possui evidência de corte na extremidade superior)*

Por outro lado, destaca-se dentre na coleção óssea do Sítio da Barca dois outros elementos:

- Em primeiro lugar, a presença de dois artefatos em osso, correspondendo a pontas projéteis coletados na Sondagem 18, Quadrante B, Nível 15. Estes artefatos são típicos de sítios arqueológicos do tipo sambaqui, como atesta a vasta bibliografia existente (PROUS 1992; SCHMITZ 1984 a e b; ROBRAHN-GONZÁLEZ 2007; UCHOA e GARCIA 1986; UCHOA 1981/82; LIMA 1999/2000, entre outros).



*Pontas projéteis em osso, frente e verso.*



- Em segundo lugar, a presença de alguns poucos ossos potencialmente humanos, considerando a espessura de suas paredes, dimensão, porosidade e aparência de superfície. Correspondem a: uma possível cabeça de fêmur e fragmentos de ossos longos de perna com quebras longitudinais de indivíduo adulto (coletado no PT 60 N 14); um fragmento de osso longo, de braço ou perna de indivíduo infantil (coletado na Sondagem 18 Quadrícula G N 6); e uma epífese também provavelmente de osso longo (coletado no PT 63 N 6). Todavia, uma análise dos contextos estratigráficos associados a estes possíveis ossos humanos indica que, em todos os casos (PT 60, PT 63 e S 18), os níveis onde as peças foram coletadas não fazem parte da “camada arqueológica sambaquieira”, além de apresentarem outros materiais intrusivos de aterro associados ou em níveis abaixo (metal, telhas, entre outros). Saliente-se que, em quaisquer das sondagens escavadas neste sítio, jamais se encontrou qualquer configuração estruturada que pudesse remeter aos sepultamentos tão comuns nos sambaquis, o que reforça a natureza secundária deste depósito.

Finalmente, no que se refere ao material malacológico presente em alguns PTs e sondagens do sítio da Barca, é majoritariamente formado por ostras de diferentes espécies (*Ostrea sp*). Também as dimensões das conchas variam, desde peças com aproximadamente 5 cm até conchas decimétricas de mais de 20 cm. Dentre a coleção observa-se raramente a presença de caramujos.



*Conchas decimais de ostra, Sítio da Barca.*



- OUTROS VESTÍGIOS

Além das categorias dos vestígios descritos anteriormente, foram também identificados no Sítio da Barca objetos relacionados a restos construtivos tais como fragmentos de tijolos, telhas francesas e capa e canal, azulejos, manilhas, fragmentos de pias e vasos sanitários, plástico, na sua grande maioria associados a entulho e aterros e de origem recente, situação análoga aos demais PTs pesquisados no contexto das obras da Avenida Perimetral aqui tratada.

Tal situação já foi apontada, indicando que o local escavado foi intensamente antropizado em função de inúmeras intervenções ocorridas ao longo das décadas para adequar o complexo portuário às necessidades de ampliação e modernização da infra-estrutura existente. Tal aspecto é testemunhado pela existência de toda a malha viária e ferroviária ali presente, bem como por todo o conjunto de edificações que integra o complexo, cuja implantação implicou em intensos processos de transformação do espaço sobretudo decorrentes da necessidade de promover inúmeros aterros em uma área que, a princípio, se mostrava inadequada á ocupação urbana.



*Manilha, PT13 N6*

*Pastilhas PT 452*





*Telhas capa e canal S18 N15*

Dentre os restos construtivos destaca-se, todavia, alguns blocos graníticos de grande dimensão argamassados com técnica de pedra e cal, feita com argamassa de cal de concha, amplamente utilizada em todo o litoral do país<sup>5</sup>. Esses blocos dentro do aterro (ex.: S.16-[12]) poderiam fazer parte de alguma construção antiga existente nas proximidades, eventualmente do Forte Monte Serrat, conforme discussão apresentada no Capítulo 8, que se segue. Os seus entulhos teriam sido assim utilizados dentro do aterro do momento deposicional 2, na área do Porto.



*Bloco granítico  
argamassado com  
técnica de pedra e cal.*

---

<sup>5</sup> A título de exemplo, no nível 8 em S.16-B, surgiu um destes blocos com 40 x 34 x 22 cm, forma irregular e encontrava-se na camada [12], solto nela, a par de outros blocos graníticos não argamassados. Um outro surgiu em S.16-B, nível 15, na camada de unidade [15].

Finalmente, destaca-se ainda a presença de uma única peça lítica lascada, tendo como matéria prima o sílex preto com porções corticais claras. Trata-se de um núcleo de pequenas dimensões (6,3 cm comprimento, 3,8 cm de largura e 3,2 cm de largura), com diversas retiradas em suas faces. Esta peça foi coletada na Sondagem 18, Quadricula D Nivel 21, relacionada ao Contexto Estratigráfico 2 anteriormente descrito. Não apresenta sinais de retoque que remetesse a alguma categoria de artefato arqueológico, como largamente ocorre em sítios arqueológicos pré-coloniais brasileiros. Deve-se aqui considerar que o sílex não constitui uma matéria prima disponível na Baixada Santista, portanto, esta peça foi trazida da região planáltica, talvez do próprio planalto paulista, pois sua coloração e textura lembram fortemente o *chert* característico da Depressão Periférica. As poucas retiradas de lascamento que a peça apresenta não permitem associá-la a algum contexto específico de ocupação (seja histórica, seja pré-histórica), podendo inclusive representar um fragmento relacionado ao fabrico e uso de pederneiras, bastante comuns em contextos históricos.



*Líticos em sílex preto, S18 D N21*

ANEXO 1

INVENTÁRIO DE ACERVO MATERIAL DO SÍTIO DA BARCA

Proveniência	Cerâmica	Cer. vidrada	Faiança	Porcelana	Vidro	Metal	Ossos	Restos construtivos	Entulho/ Outros
PT4 N15	6						1		
N16	1								
N17	1					1 GRAMPO Trilho	2		
N18							15		
N19						1			
N20	3						8		
N21							4		
N22	3						3		
N23	1								
N25	2								
PT13 N6									2 MANILHAS
N14							2 OSSOS 3 DENTES		
N15							6		
N17			2						1 CONCHA
N18			2						
N19									1 CONCHA
N20			1				12		
PT17 N13			2 GRÉS						
N17			1 GRÉS						
N18			1 GRÉS						
PT20 N7			9			2			1 BOTÃO
PT22 N12			1				2		

PT29 N12	2								
N16			3						
PT33 N8			2						
PT 36 N11	1								
N18	1								
PT38 N10	1								
N13							1		
N16							3		
N17	1								
PT39 N7							1		
N11			5						
PT41 N1						1 CRAVO			
N6	1	1					1		
PT46 N17							1		
PT47 N15							2		
N17							2		
N19				2					
PT53 N8			1						
N10				2					
N11					1		1		1 PIXE
PT54 N8						1 CRAVO			
N10		1	3				3		
N11			1						
N12			1						
N14			1		1				
N17			1						
PT55 N8	1								

N10			2					
N13		1	1		1		2	
N16		1			1		2	
N17			1					
N18			2					1 RESINA
S/N PAREDE	1		1					
PT56 N15	1				1			
N16			1					
N18				1				
N20		1						
PT61 N12			2					
N14		1	2					
N16			1					
N20	2						1	1 TELHA
N21		2					1	
PT63 N10			2					
N12	2		3				1 DENTE	
N13			2				6	1 FRAG. CONCHA
N14	6		1				1	
N15	1	3					3	
N17	4	1					1	
N18	3						1	
N25	1		2					
PT64 N8			2					
N9			8				1	
N10	3		2					

N11	4								
N13	12	1					6		
N14	6	1	1		1		9		
N15	1								
N17	1			1					
N18	1						3		1 TELHA
N19	1						6		
N20							3		
N21	3						6		
N23	1						2		
PT65 N11		1	9			2			
N13			4						
N14	1								
N19	1								
N22	5	1	2						
N23		1							
N26	5	1	4						
PT66 N14	2		1	1					
N16	2		1	1			1		
N17	2	5					6		
N18	1	1					1		
N19							1		
N20	2						3		
N21	2	2	3						
PT440 N19			1						
N20	1 ADORNO		12		1 PLANO 1 FRAG GARRAFA	1			

PT442 N5						1		
N11			1					2 LOUÇAS
N13						1		
N14			1		1			
PT448 N18				2				
PT452 N13	1				3			
N14								2 PASTILHAS
S1 N4						2 MOEDAS		
COLETA DE LIMPEZA DE BARRANCO	1	1				3		
S2 N2						1		
N9						8		
N10						5		
N11						2		
N14	1	1				3		
S16A N10	1		1					1 LAJOTA
N12	3							
N13	1		1					
N14	8					1		
N15	7					10		
N16	11	1				6		
N17	16					40		1 PEDRA
N18	15					23		2 PEDRAS
N19	24					6		
N20	17					6		1 PEDRA
N21	10					3		

N22	7						2		
N25	1								6 CONCHAS
S16B N10							1		
N12	3					1	9		
N13	24						16		1 FRAG. CONCHA
N14	13						11		
N15	1						14		
N15/16 LIMPEZA DO CORTE							2		
N16	7						10		
N17	5						21		
N18	3						6		
N19	1						3		
S16C N10	1						3		
N11	1								
S18A N10	2								
N12									1 PEDRA
N13	2								
N14	4								
N15	6						1		
N16	8								
N17	2								
N19	4						1		
S18B N3	1								
N4	1						1		
N5	3								

N6							2		
N7	1								
N8	1						1		
N9	7								2 CONCHAS
N13	1						2		
N15	2						1 DENTE		
N16	1						2		
N17	2						1		
N18	8								
N19	17								
N20	12								
N21	16		1						
S18C N5	8						3		
N6							2		
N8							7		
N9	3						4		1 CONCHA
N12	2								
N13							1		
N14	1								
N15	13					1	1		2 PEDRAS
N16	14	1				1			
N17	17						3		
N18	8	1					2		
N19	14		1						
N20	15								
N21	9								
S18D N4									15 CONCHAS

N6	8					12		
N7	17	1				21		
N8	9					8		
N9	3							
N10	1		1			2		
N11	1							
N12	1							
N13	1							
N15	24							
N17	11					3		
N20	4					1		
N21	5							1 FRAG SÍLEX PRETO
N22	4							
N23	4							
N24	2					1		
S18E N5						1		
N6	2							
N7	24					17		2 PEDRAS
N8	4					1		
N9	4					17		
N10	1					7		
N12	3					4		
N13						1		
N14	7					2		
N15								2 TELHAS
N16	16					1		

N17	4								
N18	1								
N20	1								
N21	1								
N22	9								
N23	1								
S18F N3	2								
N5	5								
N6	13								
N7	2								
N17	3								
S18G N3	1								
N6							8		
N7	1								
N8	2							1	
N11								1	
S18H N5	5								
N6	16	2				1		4	
N7	1								
N8	12							2	
N9								7	
S18I N6	2								
S18J N6	1							11	
N7	1								
N9	2								
N10	1								
N11	2								

N16	1								
PT59 N12	9	9	8				5		
N13	20	5	8				2		
N14	6	1	1				1		
N16	9	3	3				3		4 TELHAS
N19	1	1							
PT60 N11	1	3			1		1		
N12	5	2	1	1			2		
N13	1		1	1					
N14							10		
N15	2	1					1		
N17	1			1			1		
N19	1		3	1			1		
PT67 N8		1					1		
N10	8	1							
N11			1						
N12	1		1				1		
PT71 N8			3			1			
N9	1		1						
N10	1								
PT72 N11	2	3					4		
<b>TOTAL</b>	<b>806</b>	<b>64</b>	<b>148</b>	<b>16</b>	<b>12</b>	<b>15</b>	<b>558</b>	<b>0</b>	<b>55</b>

**TOTAL GERAL: 1.674 peças**